

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

A invenção interrompida de uma cultura da diversidade [The interrupted invention in a diversity culture]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Machado, Ricardo
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-03 13:38:11
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/158563

A invenção interrompida de uma cultura da diversidade

Para Alexandre Rocha da Silva, a cultura brasileira nos anos 1960 era uma força ativa e criativa que foi combatida pelos militares a partir de 1964

POR RICARDO MACHADO

“Sobre a cabeça os aviões, sobre meus pés os caminhões”, cantou Caetano Veloso em verso, protesto e prosa no longínquo 1968, quando o Tropicalismo desafiava não somente a estética musical brasileira da época, mas também os militares, que no mesmo ano imporiam à nação o AI-5, restringindo ainda mais as liberdades de um país que já sonhava retomar a democracia. Em entrevista concedida pessoalmente à **IHU On-Line**, Alexandre Rocha considera que a manifestação artística dos anos 1960 era um movimento de criação da cultura brasileira e que a ditadura, sim, foi uma força reativa.

“Para mim, a força que resistiu, ressentida, por 20 anos, foi a ditadura. A força ativa era a da criação da cultura brasileira. A ditadura vem como força reativa, como uma paixão triste, infelizmente desejada por grande parcela da população brasileira. Os coletivos de cultura não estavam resistindo. Pelo contrário: estavam agindo intensa e positivamente, e assim continuam. (...) A ditadura precisou reagir a esses movimentos no sentido de reprimir sua proliferação. O que as formas institucionalizadas e os ditadores de plantão fizeram foi tentar impedir que a alegria proliferasse”, sustenta o entrevistado.

Apesar dos esforços em reprimir e sufocar a produção artístico-cultural dos anos de chumbo, a arte sobreviveu vigorosa, embora, claro, tenha se reorganizado após a reabertura política. “Eu acho que a produção mudou apenas o foco, passou a enfatizar, em termos

de crítica social, outras mazelas diferentes daquelas expressas pela figura dos militares no poder. A produção artística depois da ditadura continuou criativa: o cinema, o teatro, a música, as artes plásticas não morreram com a ditadura, pelo contrário. (...) A ditadura passou, eles passarinho”, pondera Alexandre. “É possível também referir o cinema recente do Nordeste, principalmente de Pernambuco, que está aí demonstrando alta qualidade. Não penso que isso tenha se esgotado, o que mudou foi a forma de engajamento, agora mais livre e diversa. São muitas as questões que advieram – violência policial, vida na periferia, libertação das mulheres, movimento negro e LGBT”, complementa.

Alexandre Rocha da Silva é graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, tem mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, realizando doutorado-sanduiche em Semiótica no *Centre d’Étude de La Vie Politique Française* e pós-doutorado na *Université de Paris III*. É pesquisador e professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS. Autor de *A dispersão na semiótica das minorias* (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001) e de *Comunicação e minorias* (Porto Alegre: Entremeios, 2008). Também organizou uma série de outras obras e, atualmente, é editor da revista *Intexto*.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – De que maneira o Golpe Civil-Militar de 1964 rompeu com uma manifestação artística nacional, que desde o início da década de 1960 saía do eixo Rio-São Paulo e pro-

curava, na periferia nacional, um Brasil muito mais plural e amplo que o já conhecido da elite nacional da época?

Alexandre Rocha – O Golpe não inviabilizou tais manifestações, mas

as perseguiu, censurou, atrapalhou. Foi uma bomba no processo civilizatório brasileiro que, no início dos anos 1960, na linha evolutiva da antropofagia inaugurada por Oswald

de Andrade¹, buscava recriar o país. Criar o Brasil é o oposto de buscar sua identidade. A geração de Darcy Ribeiro², Glauber Rocha³, Augusto Boal⁴, Zé Celso⁵, Hélio Oiticica⁶, Tom

Jobim⁷ queria inventar um país, inventar o povo brasileiro esteticamente, de forma sofisticada, de forma a contribuir com a construção não da nossa memória, mas do nosso porvir.

na Tropicália⁹, no Cinema Novo¹⁰, no Teatro Opinião¹¹, no Teatro Oficina¹²,

es e jovens cantores e/ou compositores de classe média da zona sul carioca. De início, o termo era apenas relativo a um novo modo de cantar e tocar samba naquela época, ou seja, a uma reformulação estética dentro do moderno samba carioca urbano. Com o passar dos anos, a Bossa Nova tornou-se um dos movimentos mais influentes da história da música popular brasileira, conhecido em todo o mundo. Um grande exemplo disso é a música Garota de Ipanema composta em 1962 por Vinícius de Moraes e Antônio Carlos Jobim. Sobre o tema, confira a edição da IHU On-Line intitulada *Chega de saudade... Bossa Nova, 50 anos*, de 08-09-2008, disponível em http://bit.ly/YzDFvb_ (Nota da IHU On-Line)

9 Tropicalismo, Movimento tropicalista ou Tropicália: movimento cultural brasileiro que surgiu sob a influência das correntes artísticas de vanguarda e da cultura pop nacional e estrangeira (como o pop-rock e o concretismo), misturou manifestações tradicionais da cultura brasileira a inovações estéticas radicais. Tinha objetivos comportamentais, que encontraram eco em boa parte da sociedade, sob o regime militar, no final da década de 1960. O movimento manifestou-se principalmente na música (cujos maiores representantes foram Gilberto Gil, Torquato Neto, Os Mutantes e Tom Zé); manifestações artísticas diversas, como as artes plásticas (destaque para a figura de Hélio Oiticica), o cinema (o movimento sofreu influências e influenciou o Cinema novo de Glauber Rocha) e o teatro brasileiro (sobretudo nas peças anárquicas de José Celso Martinez Corrêa). Um dos maiores exemplos do movimento tropicalista foi uma das canções de Caetano Veloso, denominada exatamente “Tropicália”. Leia a edição 411 da IHU On-line, intitulada *Tropicalismo. O desejo de uma modernidade amorosa para o Brasil*, disponível em <http://bit.ly/ihuon411>. (Nota da IHU On-Line)

10 Cinema Novo: movimento cinematográfico brasileiro, influenciado pelo neorealismo italiano e pela “Nouvelle Vague” francesa, com reputação internacional. Surge em circunstâncias idênticas ao do movimento homônimo português, também referido como Novo Cinema. (Nota da IHU On-Line)

11 Teatro Opinião: grupo de teatro carioca que centraliza, nos anos 1960, o teatro de protesto e de resistência, núcleo de estudos e difusão da dramaturgia nacional e popular. Fundado em 1964, logo após o golpe militar de 1964, reúne artistas ligados ao Centro Popular de Cultura da UNE - CPC que havia sido colocado na ilegalidade. Seu grande sucesso é o musical “Opinião”, com participação de Zé Kéti, João do Vale e Nara Leão (substituída por Maria Bethânia), sob a direção de João das Neves e Augusto Boal. Como uma força de resistência, aglutina artistas dispersos ligados aos movimentos de arte popular da época. (Nota da IHU On-Line)

12 Teatro Oficina Uzyna ou simplesmente **Teatro Oficina:** é uma companhia de teatro do Brasil, localizada em

“A força ativa era a da criação da cultura brasileira. A ditadura vem como força reativa, como uma paixão triste, infelizmente desejada por grande parcela da população brasileira”

Traços desta criação podem ser claramente percebidos na Bossa Nova⁸,

só mostra plenamente seus tons, cores, formas, texturas, grafismos e textos (mensagens como “Incorporo a Revolta” e “Estou Possuído”), e os materiais com que é executado (tecido, borracha, tinta, papel, vidro, cola, plástico, corda, palha) a partir dos movimentos de alguém que o vista. Por isso, é considerado uma escultura móvel. Em 1965, foi expulso de uma mostra no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro por levar ao evento integrantes da Mangueira vestidos com parangolés. A experiência dos morros cariocas fazia parte da dimensão da sua obra. (Nota da IHU On-Line)

7 Antônio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim (1927-1994): mais conhecido como Tom Jobim, foi um compositor, maestro, pianista, cantor, arranjador e violonista brasileiro. É considerado o maior expoente de todos os tempos da música brasileira pela revista Rolling Stone, e um dos criadores do movimento da bossa nova. É praticamente uma unanimidade entre críticos e público em termos de qualidade e sofisticação musical. (Nota da IHU On-Line)

8 Bossa nova: derivado do samba e com forte influência do jazz, trata-se de um movimento da música popular brasileira do final dos anos 1950 lançado por João Gilberto, Tom Jobim, Vinícius de Mora-

1 Oswald de Andrade (1890-1954): poeta, romancista e dramaturgo. Nasceu em São Paulo e estudou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Sua poesia é precursora do movimento que marcou a cultura brasileira na década de 1960, o concretismo. (Nota da IHU On-Line)

2 Darcy Ribeiro (1922-1977): etnólogo, antropólogo, professor, educador, ensaísta, romancista e político mineiro. Completou o curso superior na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, no ano de 1946. Trabalhou como etnólogo no Serviço de Proteção ao Índio, e, em 1953, fundou o Museu do Índio. Foi professor de etnologia e linguística tupi na Faculdade Nacional de Filosofia e dirigiu setores de pesquisas sociais do Centro de Pesquisas Educacionais e da Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, além de ocupar, no biênio 1959/1961, o cargo de presidente da Associação Brasileira de Antropologia. Foi eleito em 08 de outubro de 1992 para a Cadeira n. 11 da Academia Brasileira de Letras. (Nota da IHU On-Line).

3 Glauber de Andrade Rocha (1939-1981): cineasta brasileiro, ator e escritor. Começou a realizar filmagens (seu filme *Pátio*, de 1959), ao mesmo tempo que ingressou na Faculdade de Direito da Bahia, onde atualmente é a Universidade Federal da Bahia, entre 1959 e 1961, e logo abandonou para iniciar uma breve carreira jornalística, em que o foco era sempre sua paixão pelo cinema. Ele se propunha a fazer uma arte engajada ao pensamento e pregava uma nova estética, uma revisão crítica da realidade. Era visto pela ditadura militar que se instalou no país, em 1964, como um elemento subversivo. (Nota da IHU On-Line)

4 Augusto Boal (1931-2009): dramaturgo, ensaísta e escritor brasileiro. Tem expressiva obra dramaturgic, além de ser conhecido internacionalmente, com traduções em mais de vinte línguas, de suas teorias acerca do Teatro do oprimido. (Nota da IHU On-Line)

5 José Celso Martinez Corrêa (Araraquara, São Paulo, 30 de março de 1937): conhecido como Zé Celso, é uma das figuras mais importantes ligadas ao teatro brasileiro. Destacou-se como um dos principais diretores, atores, dramaturgos e encenadores do Brasil. (Nota da IHU On-Line)

6 Hélio Oiticica (1937-1980): pintor, escultor, artista plástico e performático de aspirações anarquistas. É considerado por muitos um dos artistas mais revolucionários de seu tempo e sua obra experimental e inovadora é reconhecida internacionalmente. Em 1959, fundou o Grupo Neoconcreto, ao lado de artistas como Amílcar de Castro, Lygia Clark, Lygia Pape e Franz Weissmann. Na década de 1960, Hélio Oiticica criou o Parangolé, que ele chamava de “antiarte por excelência” e uma pintura viva e ambulante. O Parangolé é uma espécie de capa (ou bandeira, estandarte ou tenda) que

na experiência concretista, no projeto semiológico de produção de uma linguagem do Terceiro Mundo. Toda esta experiência foi alvo das forças repressivas depois de 1964. É importante ressaltar que, no início dos anos 1960, mesmo a Bossa Nova do amor, do sorriso e da flor dá lugar à bossa do Protesto, embalada pelo ritmo das reformas de base do governo de Jango¹³. Retomando a questão, diria que este projeto foi macropoliticamente derrotado pela ditadura; não temos como saber a extensão desta derrota. Quando falo dessas questões lembro-me de Darcy Ribeiro que, ao avaliar sua trajetória, dizia mais ou menos assim: entrei em muitas batalhas, perdi quase todas. Mas

São Paulo no bairro do Bixiga. Foi fundada em 1958 na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo - USP por Amir Haddad, José Celso Martinez Corrêa e Carlos Queiroz Telles. O local de grande parte da experiência cênica internacional, que reuniu de Brecht, Sartre ao Living Theatre. Foi neste lugar que foi lançado um importante manifesto da cultura brasileira, o Tropicalismo, versão na década de 1960 do movimento antropofágico de Oswald de Andrade. Este influenciou músicos, poetas e outros artistas. (Nota da IHU On-Line)

13 **João Belchior Marques Goulart ou Jango** (1919-1976): presidente do Brasil de 1961 a 1964, tendo sido também vice-presidente, de 1956 a 1961 - em 1955, foi eleito com mais votos que o próprio presidente, Juscelino Kubitschek. Seu governo é usualmente dividido em duas fases: fase parlamentarista (da posse, em janeiro de 1961, a janeiro de 1963) e fase presidencialista (de janeiro de 1963 ao golpe militar de 1964). Jango fora ainda ministro do Trabalho entre 1953 e 1954, durante o governo de Getúlio Vargas. Foi deposto pelo golpe militar do dia 1º de abril de 1964 e morreu no exílio. Confira a entrevista "*Jango era um conservador reformista*", em Flavio Tavares, de 19-12-2006, em <http://bit.ly/ihu191206>; *João Goulart e um projeto de nação interrompido*, com Oswald Munteal, de 27-08-2007, em <http://bit.ly/ihu270807>. Confira também as entrevistas com Lucília de Almeida Neves Delgado, intituladas *O Jango da memória e o Jango da História*, publicada na edição 371 da IHU On-Line, de 29-08-2011, em <http://bit.ly/ihuon371> e "*Dúvidas sobre a morte de Jango só aumentam*", de 05-08-2013, em <http://bit.ly/ihu050813>. Veja ainda "*João Goulart foi, antes de tudo, um herói*", com Juremir Machado, de 26-08-2013, em <http://bit.ly/ihu260813> e *Comício da Central do Brasil: a proposta era modificar as estruturas sociais e econômicas do país*, com João Vicente Goulart, de 13-03-2014, em <http://bit.ly/ihu130314>. (Nota da IHU On-Line)

não queria estar na posição dos que me venceram.

IHU On-Line – Que Bossa Nova é essa que surge nos anos 1950 e como se diferencia desta que sobe o morro? Trata-se de duas bossas distintas?

Alexandre Rocha – Do ponto de vista formal é uma coisa só: sofisticação musical, adoção de versos sem adjetivação, canto delicado e sutil. A Bossa Nova dos anos 1950, especialmente com Tom Jobim e João Gilberto¹⁴, é a que descobre e se encanta com sua própria forma e divulga as belezas do Rio de Janeiro, das mulheres, de um país que quer se inventar. Nos anos 1960 – com todo o movimento social que havia no governo João Goulart – Nara Leão¹⁵, Vinícius de Moraes¹⁶, Carlos Lyra¹⁷ resolvem

14 **João Gilberto Prado Pereira de Oliveira**: conhecido como João Gilberto, violonista e cantor, é considerado um dos pais da bossa nova brasileira, juntamente com Tom Jobim. Nasceu em Juazeiro (BA), em 1931, mudando-se para o Rio de Janeiro em 1950. Perfeccionista, apresentou-se com sucesso em todo o mundo. (Nota da IHU On-Line)

15 **Nara Lofego Leão Diegues** (1942-1989): cantora brasileira. Aos 14 anos, em 1956, resolve estudar violão na academia de Carlos Lyra e Roberto Menescal, que funcionava em um quarto-e-sala na rua Sá Ferreira, em Copacabana. Aos 18 anos, torna-se professora da academia. Daí em diante, Nara se reaproxima de Carlos Lyra, que rompeu a parceria musical com Bôscoli em 1960, e de ideias mais à esquerda. Inicia um namoro com o cineasta Ruy Guerra e se casa com ele um tempo depois. Nessa época passa a se interessar pelo samba de morro. (Nota da IHU On-Line)

16 **Vinícius de Moraes** (1913-1980): nascido Marcus Vinícius de Moraes, no Rio de Janeiro, foi um diplomata, dramaturgo, jornalista, poeta e compositor brasileiro. Poeta essencialmente lírico, o que lhe renderia a alcunha "poetinha", que lhe teria atribuído Tom Jobim, notabilizou-se pelos seus sonetos. Conhecido como um boêmio inveterado, fumante e apreciador de uísque, era também conhecido por ser um grande conquistador. O poetinha casou-se por nove vezes ao longo de sua vida. Sua obra é vasta, passando pela literatura, teatro, cinema e música. (Nota da IHU On-Line)

17 **Carlos Eduardo Lyra Barbosa** (1936): cantor, compositor e violonista brasileiro. Junto com Roberto Menescal, era uma das figuras jovens da bossa nova. Fez parte de uma bossa nova mais ativista, propondo o retorno do ritmo às suas raízes no samba. Em 1960, escreveu a trilha sonora de *A mais-valia vai acabar, seu Edgard*, peça teatral de Oduvaldo Vianna Filho com direção de

mudar de rumo da bossa, embora nunca tenham rompido com os ideais estéticos do movimento. O que eles fazem é redescobrir o morro, redescobrir Cartola¹⁸, Zé Keti¹⁹, que já escreviam versos sem adjetivações, como os bossanovistas. Portanto, não diria que há uma outra Bossa Nova; há, sim, uma ruptura com os conteúdos das canções, que antes falavam, como disse, do amor, do sorriso e da flor e, nos anos sessenta, passam a dizer: "Podem me prender, podem me bater / Podem até deixar-me sem comer / Que eu não mudo de opinião"²⁰.

Chico de Assis. Nesse ano, conheceu Vinícius de Moraes, que se tornaria seu parceiro em inúmeras composições de sucesso, como "Você e eu", "Coisa mais linda", "Primavera" e "Minha namorada", entre outras. Atuou também como diretor musical do Teatro de Arena. (Nota da IHU On-Line)

18 **Angenor de Oliveira** (1908-1980): mais conhecido como Cartola, foi cantor, compositor e violonista brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

19 **Zé Kéti** (1921-1999): nome artístico de José Flores de Jesus, foi um cantor e compositor do samba brasileiro. Em 1964, participou do espetáculo "Opinião", ao lado de João do Vale e Nara Leão, que o levou ao concerto que tornou conhecidas algumas de suas composições, como "Opinião" e "Diz que Fui por Ai" (esta em parceria com Hortêncio Rocha). No ano seguinte, lançou "Acender as velas", considerada uma de suas melhores composições. Esta música incluiu-se entre as músicas de protesto da fase posterior a 1964; a letra deste samba possui um impacto forte, criado pelo relato dramático do dia a dia da favela. Nara Leão e Elis Regina fizeram um enorme sucesso com a gravação desta música. (Nota da IHU On-Line)

20 **Opinião**: foi um espetáculo musical dirigido por Augusto Boal, produzido pelo Teatro de Arena e por integrantes do Centro Popular de Cultura da UNE - instituição que, a esta altura, havia sido colocada na ilegalidade pelo regime militar recentemente instaurado no Brasil. O elenco era formado por Nara Leão (depois substituída por Maria Bethânia), João do Vale e Zé Kéti. Os atores-cantores intercalavam canções a narrações referentes à problemática social do país. O texto era assinado por Armando Costa, Oduvaldo Vianna Filho e Paulo Pontes. O show-manifesto estreou em 11 de dezembro de 1964, alguns meses depois do golpe militar, no teatro do Shopping Center Copacabana, sede do Teatro de Arena no Rio de Janeiro. Opinião tornou-se uma referência na chamada "música de protesto" e é considerado um dos mais importantes da história da música popular brasileira. O registro do show deu origem ao álbum homônimo, lançado em 1965. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line – Qual a relação entre a Bossa Nova e o tropicalismo no contexto político em que cada um deles surge?

Alexandre Rocha – O contexto do surgimento da Bossa Nova foram os anos JK²¹ no Brasil, que aparentemente crescia, era um país democrático onde as instituições pareciam se fortalecer. O projeto de desenvolvimentismo de JK se expressou na Bossa Nova, havia ali uma estética da beleza formal. A Tropicália surge em 1968, meses antes do fechamento do Congresso e do AI-5²², em um contexto político bastante diferente. A Tropicália revisita a Bossa Nova, mas também aqueles que ficaram no lixo da história, como Vicente Celestino²³, e apresenta no seu discurso uma ordem de diversidade estética bastante alinhada à ideia de micropolíticas, cuja maior expressão foi o maio de

1968 francês. A Tropicália propunha uma micropolítica do corpo, do sexo, da voz, da estética.

IHU On-Line – Durante o período ditatorial, devido à repressão e à censura agressivas, os artistas – tendo em vista o governo como ‘inimigo comum’ – eram obrigados a ser mais criativos e sutis para transmitir sua mensagem. Qual o espaço delegado a essa criatividade com a abertura democrática? É possível pensar em um esvaziamento desse tipo de produção artística?

Alexandre Rocha – Eu acho que a produção mudou apenas o foco, passou a enfatizar, em termos de crítica social, outras mazelas diferentes daquelas expressas pela figura dos militares no poder. A produção artística depois da ditadura continuou criativa: o cinema, o teatro, a música, as artes plásticas não morreram com a ditadura, pelo contrário. Chico Science²⁴, por exemplo, veio depois do fim da ditadura, o Cazuza²⁵ também é desse período. Os artistas de que falávamos anteriormente continuaram seus trabalhos. A ditadura passou, eles passarinho. É possível também referir o cinema recente do Nordeste, principalmente de Pernambuco, que está aí demonstrando alta qualidade. Não penso que isso tenha se esgotado, o que mudou foi a forma de engajamento, agora mais livre e diversa. São muitas as questões que advieram – violência policial, vida na periferia, libertação das mulheres, movimento negro e LGBT. Mudou também a indústria que forma esses artistas. A geração dos grandes nomes da música brasileira – Chico Buarque²⁶, Caetano

Veloso²⁷, Elis Regina²⁸, Gal Costa²⁹,

do Brasil. Abordou a ditadura e, fugindo dela, criou um pseudônimo para continuar compondo e não ser barrado pela censura - Julinho da Adelaide - com o qual compôs apenas três músicas. Sobre a canção Cálice, além do título da composição ter som idêntico à expressão cale-se, seus versos poderiam ser confundidos com uma divagação religiosa, tal como no trecho “Pai, afasta de mim esse cálice, De vinho tinto de sangue, Como beber dessa bebida amarga, Tragar a dor, engolir a labuta, Mesmo calada a boca, resta o peito, Silêncio na cidade não se escuta”. Gilberto Gil e Chico Buarque foram proibidos pela censura de cantar a canção em parceria no festival Phono 73, que aconteceu de 11 a 13 de maio de 1973, no Anhembi, em São Paulo. A dupla resolveu peitar a censura ao vivo, mas teve os microfones desligados. (Nota da IHU On-Line)

27 Caetano Veloso (1942): músico, produtor, arranjador e escritor brasileiro. Com uma carreira que já ultrapassa quatro décadas, construiu uma obra musical marcada pela releitura e renovação, considerada de grande valor intelectual e poético. Em 1969, é preso pelo regime militar e parte para exílio político em Londres, onde lança Caetano Veloso (1971). Transa (1972) representou seu retorno ao país e seu experimento com compassos de reggae. Em 1976, une-se a Gal, Gil e Bethânia para formar o Doces Bárbaros, típico grupo hippie dos anos 70, lançando um disco, Doces Bárbaros. Na década de 80 apadrinhou e se inspirou nos grupos de rock nacionais, aventurou-se nas produções dos discos Outras Palavras, Cores, Nomes, Uns e Velô, e em 1986 participou de um programa de televisão com Chico Buarque. Na década de 90, escreveu Verdade Tropical (1997), e o disco Livro (1998) ganha o Prêmio Grammy em 2000, na categoria World Music. (Nota da IHU On-Line)

28 Elis Regina Carvalho Costa (1945-1982): cantora brasileira, conhecida por sua presença de palco, sua voz e sua personalidade. Com os sucessos de Falso Brilhante e Transversal do Tempo, ela inovou os espetáculos musicais no país e era capaz de demonstrar emoções tão contrárias, como a melancolia e a felicidade, numa mesma apresentação ou numa mesma música. Em 2013, foi eleita a segunda melhor voz da música brasileira pela revista Rolling Stone Brasil, superada apenas por Tim Maia. Elis foi citada também na lista dos maiores artistas da música brasileira, ficando na 14ª posição, sendo a mulher mais bem colocada. (Nota da IHU On-Line)

29 Maria da Graça Costa Penna Burgos - Gal Costa (1945): mais conhecida como Gal Costa, é uma cantora brasileira. Gal estreou, ao lado de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Maria Bethânia, Tom Zé e outros, o espetáculo Nós, Por Exemplo..., em 22 de agosto de 1964, que inaugurou o Teatro Vila Velha, em Salvador. Nesse mesmo ano participou de Nova Bossa Velha, Velha Bossa Nova, no mesmo local e com os mesmos parceiros. (Nota da IHU On-Line)

21 Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1976): médico e político brasileiro, conhecido como JK. Foi presidente do Brasil entre 1956 e 1961, sendo o responsável pela construção de Brasília, a nova capital federal. Juscelino instituiu o plano de governo baseado no slogan “Cinquenta anos em cinco”, direcionado para a rápida industrialização do país (especialmente via indústria automobilística). Além do progresso econômico, no entanto, houve também um grande aumento da dívida pública. Sobre JK, confira a edição 166, de 28-11-2005, *A imaginação no poder. JK, 50 anos depois*, disponível em <http://bit.ly/ihuon166>. (Nota da IHU On-Line)

22 AI-5 (Ato Institucional Número Cinco): decretado pelo Presidente Arthur da Costa e Silva em 13 de dezembro de 1968, foi um instrumento de poder que deu ao regime poderes absolutos e cuja primeira e maior consequência foi o fechamento por quase um ano do Congresso Nacional. Representou o ápice da radicalização do Regime Militar de 1964 e inaugurou o período do regime onde as liberdades individuais foram mais restringidas e desrespeitadas no Brasil. É o movimento final de “legalização” da arbitrariedade que pavimentou uma escalada de torturas e assassinatos contra opositores reais e imaginários ao regime. (Nota da IHU On-Line)

23 Antônio Vicente Filipe Celestino (1894-1968): foi um dos mais importantes cantores brasileiros do século XX. No dia 23 de agosto de 1968, quando se preparava para gravar um programa de televisão, onde seria homenageado pelo Movimento Tropicalista, passou mal no quarto do Hotel Normandie, em São Paulo, falecendo do coração minutos depois. Seu corpo foi transferido para o Rio de Janeiro, onde foi velado por uma multidão na Câmara dos Vereadores e sepultado sob palmas do público. (Nota da IHU On-Line)

24 Francisco de Assis França - Chico Science (1966-1997): mais conhecido pela alcunha de Chico Science, foi um cantor e compositor brasileiro, um dos principais colaboradores do movimento manguebeat em meados da década de 1990. (Nota da IHU On-Line)

25 Cazuza (1958-1990): cantor e compositor brasileiro que ganhou fama como vocalista e principal letrista da banda Barrão Vermelho. Sua parceria com Roberto Frejat foi criticamente aclamada. (Nota da IHU On-Line)

26 Chico Buarque [Francisco Buarque de Hollanda] (1944): músico, compositor, teatrólogo e escritor carioca. Ganhou fama por sua música, que comenta o estado social, econômico e cultural

Maria Bethânia³⁰, Gilberto Gil³¹, Rita Lee³², por exemplo – era de um tempo em que a indústria precisava de estrelas, vivia disso. Nos anos 1980, isso começa a mudar. As estrelas duram pouco, porque a indústria já tinha uma diversidade muito grande de novos produtos, então se mudou o modo como são construídos seus ícones. Mas a criatividade artística permanece.

IHU On-Line – O que eram os Centros Populares de Cultura – CPCs? Qual a importância deles para a história do cinema brasileiro e para as demais artes?

Alexandre Rocha – Os Centros Populares de Cultura tinham o projeto de levar às últimas consequências a indissociabilidade da vida e da arte. O Teatro do Oprimido³³, de Augusto Boal, ao dar voz às expressões populares, cria-

30 **Maria Bethânia Viana Teles Velloso** (1946): mais conhecida como Maria Bethânia, é cantora brasileira de MPB. Nascida em Santo Amaro da Purificação, Bahia, participou, na juventude, de peças teatrais ao lado do irmão, o cantor Caetano Veloso, e de outros cantores proeminentes da época. Em 1965, mudou-se para o Rio de Janeiro onde começou sua carreira musical substituindo a cantora Nara Leão no espetáculo Opinião. (Nota da IHU On-Line)

31 **Gilberto Passos Gil Moreira - Gilberto Gil** (1942): cantor, político, compositor, multi-instrumentista, escritor, ambientalista, empresário e intelectual brasileiro, também conhecido por sua inovação musical e por ser ganhador de prêmios Grammys, Grammy Latino, galardeado pelo governo francês, com a Ordem Nacional do Mérito (1997), e pela Unesco como “artista pela paz”, em 1999. Gil foi embaixador da ONU para Agricultura e Alimentação e ex-ministro da Cultura do Brasil (2003-2008). Em mais de 50 álbuns lançados, ele incorpora a gama eclética de suas influências, incluindo rock, gêneros tipicamente brasileiros, música africana e reggae, por exemplo. (Nota da IHU On-Line)

32 **Rita Lee** (1947): cantora, compositora e instrumentista brasileira. De seus discos, destacamos Lança perfume (1980). (Nota da IHU On-Line)

33 **Teatro do Oprimido**: é um método teatral que reúne exercícios, jogos e técnicas teatrais elaboradas pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal. Os seus principais objetivos são a democratização dos meios de produção teatral, o acesso das camadas sociais menos favorecidas e a transformação da realidade através do diálogo (tal como Paulo Freire pensou a educação) e do teatro. Ao mesmo tempo, traz toda uma nova técnica para a preparação do ator, que tem grande repercussão mundial. (Nota da IHU On-Line)

va um teatro efetivamente coletivo. O teatro não podia estar afastado dos movimentos sociais. Havia uma inter-relação vital entre produção artística e modos de vida. Por isso foram muito importantes. Por esta proposta radical no sentido da reinvenção do povo brasileiro foram fortemente perseguidos pela ditadura militar. Mas, mesmo perseguidos, foram reconhecidos no mundo inteiro. Boal espalhou suas ideias por muitos países. A pergunta que permanece é sobre até onde teríamos ido estética e politicamente se não houvesse a repressão.

“A produção artística depois da ditadura continuou criativa: o cinema, o teatro, a música, as artes plásticas não morreram com a ditadura, pelo contrário”

IHU On-Line – De que maneira a manifestação cultural que emerge no contexto da ditadura militar tornou-se um movimento de resistência?

Alexandre Rocha – Eu acho que a pergunta precisava ser posta de outra maneira. Para mim, a força que resistiu, ressentida, por 20 anos, foi a ditadura. A força ativa era a da criação da cultura brasileira. A ditadura vem como força reativa, como uma paixão triste, infelizmente desejada por grande parcela da população brasileira. Os coletivos de cultura não estavam resistindo. Pelo contrário: estavam agindo intensa e positivamente, e assim continuam. A ditadura precisou reagir a esses movimentos no sentido reprimir sua proliferação. Nesta perspectiva, os artistas existiam antes da repressão, continuaram existindo,

durante a ditadura, com grandes dificuldades e existem também hoje. O que as formas institucionalizadas e os ditadores de plantão fizeram foi tentar impedir que a alegria proliferasse. Mas a prova dos nove é outra...

IHU On-Line – Que grandes nomes no cenário cultural surgiram dessa experiência?

Alexandre Rocha – Não dá para citar todos. Na música, por exemplo, temos Chico Buarque de Holanda, Elis Regina – que tinha um programa na televisão chamado O Fino da Bossa, o qual foi o centro do debate da música brasileira no final dos anos sessenta. Tem o Tropicalismo com Torquato Neto³⁴, Tom Zé³⁵, Caetano, Gal, Bethânia, Gil, Nara. Tem o cinema do Glauber, o cinema marginal do Sganzerla³⁶ e do Julio Bressane³⁷, tem Ruy Guer-

34 **Torquato Pereira de Araújo Neto** (1944-1972): foi poeta, jornalista, letrista de música popular, experimentador da contracultura brasileira. Torquato envolveu-se ativamente na cena cultural soteropolitana, onde conheceu Gilberto Gil, Caetano Veloso, Gal Costa e Maria Bethânia. Em 1962, mudou-se para o Rio de Janeiro para estudar jornalismo na universidade, mas nunca chegou a se formar. No final da década de 1960, com o AI-5 e o exílio dos amigos e parceiros Gil e Caetano, viajou pela Europa e Estados Unidos com a mulher Ana Maria e morou em Londres por um breve período. De volta ao Brasil, no início dos anos 1970, Torquato começou a se isolar, sentindo-se alienado tanto pelo regime militar quanto pela “patrulha ideológica” de esquerda. Passou por uma série de internações para tratar do alcoolismo, e rompeu diversas amizades. (Nota da IHU On-Line)

35 **Antônio José Santana Martins - Tom Zé** (1936): compositor, cantor, arranjador e jardineiro brasileiro. É considerado uma das figuras mais originais da música popular brasileira, tendo participado ativamente do movimento musical conhecido como Tropicália nos anos 1960 e se tornado uma voz alternativa influente no cenário musical do Brasil. (Nota da IHU On-Line)

36 **Rogério Sganzerla** (1946-2004): foi um cineasta brasileiro. Teve como expoente de sua carreira o filme *O Bandido da Luz Vermelha*, de 1968. O diretor, criticado por sua ousadia, concentra em seu primeiro longa-metragem toda a sua radicalidade política. Sganzerla pretendia “ser livre - e ao mesmo tempo - acadêmico”, o que rendeu uma certa complexidade artística e intelectual à sua obra. (Nota da IHU On-Line)

37 **Júlio Eduardo Bressane de Azevedo** (1946): é um cineasta brasileiro. Um digno representante do cinema marginal brasileiro, Júlio Bressane começou a fazer cinema como assistente de direção de Walter Lima Júnior, em 1965. Em 1967

ra³⁸ e Nelson Pereira dos Santos³⁹. Tem ainda Hélio Oiticica, Zé Celso Martines Corrêa, Darcy Ribeiro. Todos artistas que hoje caracterizam os anos 1960.

IHU On-Line – Como foi possível fazer cinema de resistência no Brasil durante o regime? Além da censura, que necessitava ser driblada, quem financiava as obras?

Alexandre Rocha – O cinema brasileiro sempre foi predominantemente financiado pelo Estado. Glauber dizia, quando escreveu um texto

estrou como diretor com “Cara a Cara, sendo selecionado para o Festival de Brasília. Em 1970 fundou a Belair Filmes em sociedade com o também cineasta Rogério Sganzerla. Eles optaram por um modelo de realizar filmes de baixo custo e produção e com isso conseguiram rodar seis longas-metragens em apenas seis meses. Ele chegou a se exilar em Londres, no início dos anos 1970, mas voltou ao Brasil alguns anos depois e fez um filme atrás do outro, usando a chanchada e o deboche como suas principais características. Seu penúltimo filme, *Cleópatra*, foi apresentado no Festival de Cinema de Veneza de 2007, fora da competição, além de ter sido premiado como melhor filme do 40º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, em novembro de 2007. (Nota da IHU On-Line)

38 Ruy Alexandre Guerra Coelho Pereira - Ruy Guerra (1931): é um realizador de cinema, poeta, dramaturgo e professor nascido em Moçambique, então território português. Vive no Brasil desde 1958. Estudou no Institut des hautes études cinématographiques - IDHEC de Paris a partir de 1952. Até 1958, atuou como assistente de direção, antes de se instalar no Brasil, onde dirigiu seu primeiro filme, *Os Cafajestes* (1962). Ingressando nas fileiras do Cinema Novo, em 1964 realizou o filme *Os Fuzis*, ao qual se seguiram obras notáveis como *Tendres chasseurs* (1969) e *Os Deuses e os Mortos* (1970). A situação política brasileira durante a ditadura militar impôs-lhe uma pausa que terminaria em 1976 com *A Queda*. Em 1980 regressou a Moçambique, onde rodou *Mueda, Memória e Massacre*, o primeiro longa-metragem desse país. Ainda em Moçambique, realizou diversos curtas e contribuiu para a criação do Instituto Nacional do Cinema. Viveu e trabalhou também em Cuba por alguns períodos. (Nota da IHU On-Line)

39 Nelson Pereira dos Santos (1928): diretor de cinema brasileiro. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, turma de 1952. Considerado um dos mais importantes cineastas do país, seu filme *Vidas Secas*, baseado na obra de Graciliano Ramos, é um dos filmes brasileiros mais premiados de todos os tempos, sendo reconhecido como obra-prima. Foi um dos precursores do movimento do Cinema Novo. É o fundador do curso de graduação em Cinema da Universidade Federal Fluminense. (Nota da IHU On-Line)

sobre a estética da fome, que o nosso cinema vinha da nossa miséria. Era a transmutação da miséria e da fome. O grande objetivo do Glauber não era fazer um cinema que falasse sobre a nossa miséria, mas que fosse a expressão violenta, revolucionária e radical dessa fome.

IHU On-Line – Como *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, lançado em 1964, ano do golpe, retrata a situação de desigualdade do Brasil no período?

Alexandre Rocha – *Deus e o Diabo* é um filme revolucionário do ponto de vista estético e que, na relação com a política, vinha no mesmo movimento das reformas de base. Não se tratava de encontrar a população brasileira, pois para Glauber a questão não era a identidade do povo brasileiro, mas a criação do povo brasileiro. Tem um texto de Deleuze⁴⁰ sobre ele que diz: “Em Glauber o povo brasileiro não existe, precisa ser inventado”. Então este filme apresenta um rompimento com uma ideia romântica de país. A ideia de que o Brasil ainda precisava ser inventado e a forma de invenção do Glauber era o cinema, do Tom Zé, a música, do Zé Celso, o teatro, etc. A antropologia de Darcy Ribeiro e os exemplos anteriores são projetos de invenção de um país, não de descrição, não de identificação. Trata-se de outra coisa que estava se gestando no início dos anos 1960 e que o golpe civil-militar fez dissipar-se.

IHU On-Line – A extinção desses processos culturais advém de um desejo de domesticação, de tornar o povo população, para usar os termos do Foucault⁴¹?

40 Gilles Deleuze (1925-1995): filósofo francês. Assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bergson, Nietzsche e Espinosa poderosas interseções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou ideias como as de devir, acontecimentos, singularidades, conceitos que nos impelem a transformar a nós mesmos, incitando-nos a produzir espaços de criação e de produção de acontecimentos-outras. (Nota da IHU On-Line)

41 Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido à sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o

Alexandre Rocha – Me parece que sim. Um dos dispositivos de poder do regime militar era a questão da identidade. Uma identidade criada por eles, de um país que vai para frente, ligado ao desenvolvimentismo, que destrói suas florestas. Um país disciplinado. Havia ali, sim, a imposição de um dado modelo nacional.

IHU On-Line – Atualmente, ainda há esse desejo de domesticação?

saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a sua própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (*História da Loucura, O Nascimento da Clínica, As Palavras e as Coisas, A Arqueologia do Saber*) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores como *Vigiar e Punir* e *A História da Sexualidade*. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas desse termo. Para ele, o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no Estado, o que tornaria impossível a “tomada de poder” proposta pelos marxistas. O poder não é considerado como algo que o indivíduo cede a um soberano (concepção contratual jurídico-política), mas sim como uma relação de forças. Ao ser relação, o poder está em todas as partes, uma pessoa está atravessada por relações de poder, não pode ser considerada independente delas. Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Em várias edições a IHU On-Line dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>, edição 203, de 06-11-2006, disponível em <http://bit.ly/ihuon203>, e edição 364, de 06-06-2011, intitulada ‘*História da loucura*’ e o *discurso racional em debate*, disponível em <http://bit.ly/ihuon364>. Confira, também, a entrevista com o filósofo José Terne, concedida à IHU On-Line 325, sob o título *Foucault, a sociedade panóptica e o sujeito histórico*, disponível em <http://bit.ly/ihuon325>. De 13 a 16 de setembro de 2010 aconteceu o *XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana*. Confira a edição 343 da IHU On-Line que traz o mesmo título que o evento, publicada em 13-09-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon343>, e a edição 344, intitulada *Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate*, disponível em <http://bit.ly/ihuon344>. Além disso, o IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento *Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault*, que também foi tema da edição número 13 dos *Cadernos IHU em formação*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuem13> sob o título *Michel Foucault. Sua contribuição para a educação, a política e a ética*. (Nota da IHU On-Line)

Alexandre Rocha – Há dois movimentos paralelos. Há um desejo de criação que não tem forma definida e que precisa de liberdade. Não de liberdade no sentido da democracia, mas da liberdade no sentido de produção de formas, de criação. Como queria Maiakovski⁴²: não há revolução sem forma revolucionária. A Bossa se desenvolveu assim, o Tropicalismo e o Cinema Novo também. Contra essas formas violentas de criação, sempre haverá uma ordem de reação, e as reações se diferem no tempo. Os militares foram a força reativa possível nos anos 1960. Talvez, hoje, a diluição, as estratégias de diluição, o homem endividado sejam algumas das formas reativas dos novos tempos. É preciso prestar atenção nessas novas estratégias de controle. Vários grupos que hoje fazem movimento social são os mais conservadores; quem está cuidando de quem está na cadeia, de quem passa fome, são os grupos fundamentalistas religiosos, mas eles estão presentes nestes lugares onde em outros tempos esteve o Teatro do Oprimido, o movimento sindical, onde estiveram as forças organizadas de esquerda.

Isso significa que a presença destes grupos nestes outros espaços pode indicar uma nova formalização institucional de poder que está em devir e que a mim preocupa bastante. O presidente Lula⁴³ foi resultado de uma micropolítica que envolveu

42 **Vladimir Mayakovsky** (1893-1930): também chamado de “o poeta da Revolução”, foi um poeta, dramaturgo e teórico russo, frequentemente citado como um dos maiores poetas do século XX, ao lado de Ezra Pound e T.S. Eliot, bem como “o maior poeta do futurismo”. (Nota da IHU On-Line)

43 **Luiz Inácio Lula da Silva - Lula** (1945): trigésimo quinto presidente da República Federativa do Brasil, cargo que exerce desde o dia 1º de janeiro de 2003. É cofundador e presidente de honra do Partido dos Trabalhadores (PT). Em 1990, foi um dos fundadores e organizadores do Foro de São Paulo, que congrega parte dos movimentos políticos de esquerda da América Latina e do Caribe. Foi candidato a presidente cinco vezes: em 1989 (perdeu para Fernando Collor de Mello), em 1994 (perdeu para Fernando Henrique Cardoso) e em 1998 (novamente perdeu para Fernando Henrique Cardoso), e ganhou as eleições de 2002 (derrotando José Serra) e de 2006 (derrotando Geraldo Alckmin). (Nota da IHU On-Line)

“Um dos dispositivos de poder do regime militar era a questão da identidade. Uma identidade criada por eles, de um país que vai para frente, ligado ao desenvolvimentismo”

a Igreja progressista (destruída pelos agenciamentos conservadores de João Paulo II⁴⁴), o movimento sindical brasileiro, um conjunto de manifestações artísticas, grande parte da inteligência da Universidade de São Paulo – USP e que gerou a experiência do Lula na Presidência. Hoje essas micropolíticas são feitas por grupos muitos conservadores. Temo que grupos fundamentalistas estejam criando as condições para a tomada de poder, e não falo em golpe, como os militares, mas creio que se movimenta no Brasil uma tomada de poder pela direita conservadora.

IHU On-Line – Qual a importância de *Cabra marcado para morrer*, documentário de Eduardo Coutinho, lançado em 1984, para a compreensão do Brasil do começo da década de 1960?

Alexandre Rocha – Não somente do início da década de 1960, *Cabra marcado para morrer* é um filme que

44 **Papa João Paulo II** (1920-2005): Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana de 16 de Outubro de 1978 até a data da sua morte, sucedeu ao Papa João Paulo I, tornando-se o primeiro Papa não italiano em 450 anos. (Nota da IHU On-Line)

começa nessa época e é desenvolvido bem depois. O documentário ilustra bem uma das perguntas anteriores, que é de que maneira a ditadura atrapalhou a manifestação artística nacional. Ela atrapalhou, mas a força desse filme era tão grande que ele permaneceu, foi resgatado, foi refeito e, inclusive, Coutinho estava pensando nele agora, um pouco antes de morrer. Essa obra é daquelas experiências radicais da cultura da alegria e da felicidade a que eu me referia anteriormente.

IHU On-Line – O que determinou a permanência de alguns artistas no Brasil e a saída de outros?

Alexandre Rocha – São razões muito diferentes. Chico Buarque se autoexilou; Caetano Veloso e Gilberto Gil foram presos e exilados. Elis Regina, Nara Leão, Edu Lobo⁴⁵ ficaram no país, ainda que permanentemente vigiados e censurados. Talvez se possa avançar se conseguirmos identificar as diferentes formas de protestos que experimentamos. Algumas são mais facilmente identificáveis por se associarem às formas tradicionais de protesto, como o que era feito por Elis Regina, Chico Buarque, Nara Leão, Edu Lobo, Geraldo Vandré⁴⁶, com a chamada música de pro-

45 **Eduardo de Góes Lobo - Edu Lobo** (1943): é um cantor, compositor, arranjador e instrumentista brasileiro. Filho do compositor Fernando Lobo, começou na música tocando acordeão, mas acabou se interessando pelo violão, contra a vontade do pai. Iniciou a carreira nos anos 60 fortemente influenciado pela bossa nova, quando então, numa parceria com Vinicius de Moraes, compôs *Só Me Fez Bem*. Porém, com o decorrer do tempo adotou uma postura mais político-social, refletindo os anseios da geração reprimida pela ditadura militar brasileira. Nesta fase surgiu uma parceria com Ruy Guerra e as composições engajadas *Reza e Aleluia*. (Nota da IHU On-Line)

46 **Geraldo Vandré** (1935): nome artístico de Geraldo Pedroso de Araújo Dias, é cantor, compositor e violonista brasileiro, conhecido por ser um dos nomes mais célebres da música popular brasileira. Seu sobrenome é uma abreviatura do sobrenome do seu pai, José Vandregisilo. Em 1968, participou do III Festival Internacional da Canção com *Pra não Dizer que não Falei das Flores*, muitas vezes chamada de “Caminhando e cantando”. A composição se tornou um hino de resistência do movimento civil e estudantil que fazia oposição à ditadura militar durante o governo militar, e foi censurada. (Nota da IHU On-Line)

testo. Eles eram censurados, controlados, mas protestavam em um tom cuja linguagem era facilmente compreendida pelo regime. O Tropicalismo, por outro lado, mais associado às micropolíticas, introduziram algo que desorganizava os códigos reinantes; os donos do poder repressivo não sabiam claramente o que estava acontecendo ali. Essa micropolítica preconizada pelo Tropicalismo tinha um poder de destruição imenso, talvez até maior que a ordem de discurso político codificado de uma música de protesto encabeçada por Vandré, Chico ou Elis. De certa forma, o poder militar percebeu astutamente isso (já havia a experiência francesa de maio de 68) e mandou Gil e Caetano para o exílio.

IHU On-Line – Qual foi a importância dos festivais de música brasileira no contexto do regime de exceção?

Alexandre Rocha – Foi um momento de agregação de muitos jovens e de muitas ideias. O primeiro deles revelou a Elis como porta-voz desta geração, Edu Lobo como um músico cuja erudição fazia avançar o movimento da Bossa, e reapresentou um poetinha – Vinícius de Moraes – não como o poeta da primeira fase da Bossa Nova, do amor do sorriso e da flor, mas como um autor engajado no projeto de expressar as mazelas dos pescadores no Arrastão. Quando a gente fala desse período dos festivais, tendemos a associá-lo à Música de Protesto, por um lado, e ao Tropicalismo, por outro. O Tropicalismo, que recupera a linha evolutiva da cultura brasileira inaugurada por Oswald de Andrade com a Antropofagia, se recria depois da ditadura, por exemplo, no Mangubeat⁴⁷. Essa linha parece

⁴⁷ **Mangubeat**: movimento musical surgido no Brasil na década de 1990, em Recife, que mistura ritmos regionais com rock, hip hop e música eletrônica. Esse estilo tem como ícone o músico Chico Science, vocalista da banda Chico Science e Nação Zumbi, idealizador do rótulo manguê e principal divulgador das ideias, ritmos e contestações do mangubeat. Outro grande responsável pelo crescimento desse movimento foi Fred 04, vocalista da banda *Mundo Livre S/A* e autor do primeiro manifesto do Manguê de 1992, intitulado *Caranguejos com cérebro*. O objetivo do movimento surgiu de uma metáfora idealizada por Zero

“Os artistas de que falávamos anteriormente continuaram seus trabalhos. A ditadura passou, eles passarinho”

ter se imposto como padrão para se pensar esteticamente a cultura brasileira. Só que há um outro movimento que ficou negligenciado, recalcado, nisso tudo. Penso que seja a ordem do samba de Cartola, do Opinião de Zé Ketí, Nara Leão e, depois, de Maria Bethânia, com Carcará; a revolução musical que aparece em torno da figura de Elis Regina e das canções de Chico Buarque. Essa outra linha evolutiva, que não segue os padrões hegemônicos que descrevem o desenvolvimento da cultura brasileira pelo viés da Antropofagia, da Bossa Nova e do Tropicalismo, ficou por muito tempo negligenciada na história do Brasil. Que movimentos hoje a recuperam, e em que termos?

IHU On-Line – Por que a audiovisualização da música, por meio da transmissão dos festivais musicais, tornou-se popular durante o período? Que relação se pode estabelecer entre o regime militar e essa relação com as emissoras de TV?

Alexandre Rocha – Não foi só com a música. Há uma audiovisualização de toda a cultura. A música fez parte disso. Em um trabalho que desenvolvi denominado Imagem-

Quatro, ao trabalhar em vídeos ecológicos. Como o manguê era o ecossistema biologicamente mais rico do planeta, o mangubeat precisava formar uma cena musical tão rica e diversificada como os manguês. Devido a principal bandeira do manguê ser a diversidade, a agitação na música contaminou outras formas de expressão culturais como o cinema, a moda e as artes plásticas. Confira a entrevista concedida por 04 a Notícias do Dia 25-01-2010, disponível em <http://migre.me/69sle>. (Nota da IHU On-Line)

Música, quando ainda era professor na Unisinos, defendi a tese de que se não fosse a televisão não haveria Elis Regina, pelo menos como a conhecemos. O nome Elis Regina designa não apenas uma cantora, mas o símbolo de uma transição, da transição de uma música de rádio (portanto sem imagem) para uma música de televisão, onde a imagem é fundamental. Tão fundamental que a cantora, muitas vezes, chegou a comprometer, com gestos exagerados, a delicadeza da bossa nova. Elis, de certa forma, mata a bossa nova e vai à televisão... Daí, uma nova estética começa a ganhar forma. De 1960 para cá tudo parece estar sendo traduzido para a forma audiovisual, audiovisualizado, como sugeres. O Tropicalismo brincava com isso com um certo distanciamento irônico. A Elis vivenciava tragicamente isso. Dois projetos estéticos que subsistiram à ditadura.

Essa audiovisualização da cultura também foi problematizada por Glauber Rocha no Programa Abertura. Ali, o cineasta defendia a necessidade de se fazer cinema na televisão. Para ele, cinema não era uma tecnologia, mas um exercício de linguagem audiovisual. Exercitar a linguagem na televisão – ou seja, fazer cinema em termos glauberianos –, recuperando a potencialidade performática do ‘ao vivo’ que caracteriza o meio, parecia ser a indicação do diretor de *Terra em Transe* (Glauber Rocha, Brasil, Drama, 1h51min) para as gerações futuras. Esse desafio permanece.

Leia mais...

- *Tropicalismo. O desejo de uma modernidade amorosa para o Brasil*. Edição 411, de 10-12-2012, da **IHU On-Line**, disponível em <http://bit.ly/ihuon411>.
- *Alexandre Rocha da Silva*. Perfil publicado na editoria IHU Repórter na edição 253 **IHU On-Line**, de 07-04-2008, disponível em <http://bit.ly/ihuon253>.